

1) Introdução : A Cruz é um pólo de atração de todo o viver e ensino cristão. Estamos longe de esgotar todo o potencial e significado da Cruz de Cristo. Ela, hoje, historicamente, é um instrumento de morte, exige uma definição se queremos conhecer o que Deus pode **fazer para a Igreja e para mim** (e ai eu posso parar e centralizar tudo nos benefícios a receber), ou **ainda pela Igreja e através mim** (meio onde somos usados para os propósitos de Deus e não nossos); a cruz é para mim ou está em mim ?. A Cruz se relaciona com o Dar ou Receber, que são dois modos de viver e se relacionar com Deus e com os irmãos. O mundo diz que “É DANDO QUE SE RECEBE”, Cristo diz que melhor coisa é dar do que receber, e ainda Deus diz que “ Amou o mundo de tal maneira que deu... (João 3.16)”. A questão do Receber e Dar é um processo de amadurecimento do cristão no relacionamento com Deus e com a cruz de Cristo. Primeiramente no inicio da fé, o crente aprende a Receber ou se apropriar da obra da cruz, quando esta vai ficando gravada na sua vida ele passa a compreender o significado do Dar ou o caminho real e correto da cruz. Apropriar-se da Obra da Cruz é o sugar os méritos de Cristo nas nossas almas e viver abundantemente; ao passo que o caminhar com Cristo é o ser usado e consumido pelo amor e pela realização dos sonhos de Deus (2Co 4. 11, Gal 2. 19, 20), morrendo gradativamente para as paixões deste mundo. Vamos abaixo considerar a dificuldade humana na administração da dicotomia do Receber e Dar, e o trabalho de Deus na remoção deste cativeiro do coração humano; apelando para o mais sublime dos recursos que é o amor. Porém devemos sempre ter em mente que o correto pensamento, sentimento e posicionamento em relação a cruz define o crente que queremos ser.

2) O coração humano tornou-se um buraco negro do RECEBER : A Cruz é um principio eterno, sendo assim nem sempre foi um instrumento de morte. O Supremo propósito de Deus é ter filhos a semelhança de Cristo e isso faz com que Cristo viva para realizar o sonho do Pai. Deus, o Pai, planeja tudo para o Filho e o Filho vive para o Pai. Esta intima disposição de doação mútua sem a intoxicação do egoísmo é uma norma divina de ação que estaria sendo gravada no coração de Adão e sua descendência. O pecado tornou este principio historicamente visível na cruz do calvário. A Cruz saiu do coração humano no Eden e retornou no calvário, caso nós permitamos ser permeáveis a sua entronização, dando sem intenção de receber. A criação nesta abordagem, não estou dizendo que esta maneira de ver seja a verdade absolutamente esgotada e definitiva, é o realizar o sonho de Deus de comunhão e compartilhamento de tudo de bom com criaturas que tenham empatia com a Sua alma divina. Tais criaturas, também, somos nós. Contudo, a intoxicação do pecado separou Deus do Homem e manchou o principio da cruz (doação de vida e não fatalidade mortal), aprisionou o homem no seu próprio coração e usurpou o verdadeiro sentido de receber, abriu um buraco negro de absorção de Deus e de tudo que o cerca. Forçando aparecer a Cruz no cume da montanha como uma demonstração aberta do modo de vida de Deus entre o doar e o repartir. Deus deseja receber louvor e obediência que é a afirmação de que o seu modo de vida é o melhor. Cristo transfere o homem de si mesmo para Deus, do cativeiro do seu eu para o cativeiro de Deus (Rm 8. 15; João 3. 30), das prisões do mundo e do diabo, para as mansões celestiais da vontade de Deus. Ao comer do fruto o homem entronizou a si mesmo dentro de seu coração e tenta usar o Senhor e toda Sua obra em proveito próprio. Após a conversão se significado da cruz não for bem ensinado transforma o plano de salvação em algo egoisticamente individual, confunde a parte com o todo, e preocupa-se em que Deus pode fazer para nós não através de nós (Efésios 3. 10). Quanto mais vivo com o meu eu menos gosto de mim mesmo, alguém em algum lugar disse“ é maravilhoso arrancar o seu Eu das suas próprias mãos e colocá-lo nas mãos de Deus”. Veja como isto é possível.

3) Vivendo sob um novo governo em três níveis(João 3.30) :

3.1) Escravidão (O cativeiro da lei) : Este nível foi a escolha de Adão de sua descendência em viver a parte de Deus, buscando conhecimento sem a presença e supervisão divina. Vale ressaltar que antes do pecado Adão e a raça humana estavam em liberdade temporária para escolher. Estavam diante deles duas escolhas, a de tornarem-se escravos de Deus por amor ou serem prisioneiros debaixo da lei. O homem escolheu viver aparte de Deus e do seu amor. Tal atitude ameaça a lei moral de Deus que governa todas as outras leis secundárias, e acarretou no estabelecimento de uma lei reguladora externa evidenciada em vários códigos espalhados em diversas culturas; e mais especificamente na lei mosaica. Na verdade a lei de Moisés estava inserida no pacote da graça, que é o modo operante de Deus, pois apesar de condenar o homem errante e não prover diretamente a sua salvação, possuía o sistema de sacrifício que apontava para a redenção futura na cruz. O cordeiro de Deus grava no universo a marca da cruz na doação incondicional. A lei tinha o papel de intensificar o conhecimento do pecado (viver longe de Deus) e criar o sentimento de perda necessário para o reconhecimento do erro e da necessidade do perdão de Deus. A desobediência humana reconhecida até pelos servos de Deus como uma doença consumidora do amor de Deus, não foi corrigida pela lei; pois esta é um código externo ao coração humano e não um poder que o ajudasse a acertar o alvo. Que auxiliasse o homem reencontrar Deus e o

caminho de volta ao Eden, era mais um empecilho, mais um cativo separador em relação a Deus. Jesus veio trazer de volta o nível de liberdade para uma nova escolha.

3.2) Liberdade para escolher (Cativo em transferência) : A encarnação divina em Jesus não é uma nova teologia, mas uma nova forma de aproximação. A salvação é a anulação do abismo entre o céu e a terra, ao passo que a encarnação cobre a distancia ente a alma humana e alma divina separadas pelo pecado. Na encarnação Deus se une ao homem de maneira cabal e definitiva, nenhuma outra criatura teve este privilégio que nós experimentamos em, hoje, ter um mediador que é ao mesmo Deus e homem glorificado. A alma humana é livre por Cristo para escolher qual lei deverá obedecer, qual cativo quer se aprisionar, ao velho Adão, ao velho aeon, ou a Cristo o segundo e definitivo Adão, noivo amado e vivificador do nosso espírito. Alguns acham que logo após a conversão entramos direto no nível de 3 (cativo de Cristo), caso fosse assim ninguém se desviaria, contudo percebemos que o período de transição (nível 2) entre um cativo e outro nos apresenta perigos a serem enfrentados e vencidos. O tempo que vamos permanecer neste estágio depende da nossa permissão em relação ao trabalho específico a ser realizado pelo Espírito Santo em cada um de nós. Abraão, por exemplo, levou cerca de 25 anos (Gen 17. 1), sendo aperfeiçoado na entrega de Isaque a Deus. Enquanto o nosso coração não for circuncidado do egoísmo estaremos estacionados neste nível, não significa que não estejamos salvos, porém, também, não estaremos gozando da segurança do controle divino a despeito de toda ansiedade e angustia desta era de pecado. Não compreenderemos porque as vezes Deus cura e outras vezes não faz nada, não aceitaremos o sucesso do irmão no ministério que tem o mesmo tempo de casa, não administraremos adequadamente a escassez financeira, nunca entenderemos o que Paulo escreveu em Filipenses 4. 11 – 13, a não ser que escolhamos ser escravos, servos, amigos, depois filhos adultos e por fim filhos maduros de Deus em Cristo Jesus (Romanos 8. 18 – 27). Os que nasceram sob a égide do N.T, já foram incluídos por Jesus como amigos (João 15. 14, 15), mas tudo depende da escolha que fazemos nas opções dadas acima, o crescimento na graça e no conhecimento acelera o amadurecimento até filhos adultos e depois de termos o corpo transformado na ressurreição escatológica, seremos filhos maduros. Abaixo estarei reproduzindo um texto, retirado do livro o Supremo Propósito, de Vern F. Formke, que ilustra a transferência de cativo e a principal evidencia que é o ajuste do amor na ordem certa.

3.3) Vivendo a vida de outro (Cativo transferido – Gal 2. 19, 20) : “ O Dr A. T. Scofield de Londres conta como seu cão, Jack, aprendeu a ser governado por ele. O animal era acostumado a andar preso a uma corrente quando passeava na rua com seu dono. Certo dia, propositalmente, deixou-o caminhar sem a corrente, em liberdade. A principio, saiu correndo completamente a vontade. Porém, de repente, descobriu que andar longe do seu dono era uma experiência um tanto perigosa. Estava habituado a andar suficientemente perto, de maneira que pudesse ouvir a voz dele. O espírito do homem parecia ter penetrado o instinto do seu cão, de tal maneira que formou um vínculo do qual ele não podia escapar. O mundo fora da área de controle do seu dono era grande, barulhento e aterrador. A corrente havia sido tirada, porém agora havia um novo tipo de governo, Nesta nova “corrente”, o cão encontrara toda a liberdade que desejava. Jack , o cão, ilustra muito bem o modo que nosso Pai Celestial treina seus filhos que um dia estarão prontos para a plena adoção de filhos maduros. Nos primeiros tempos do nosso ministério, tínhamos a idéia do Espírito Santo como quem com uma corrente nos dirigindo. Preocupávamos - nos com os Seus mandamentos. Embora tentando correr em Seu sublime caminho éramos ainda dominados por um espírito de legalidade. Chegou o dia, então, quando o Senhor nos abriu os olhos para vermos que em verdade não havia nenhuma corrente neste novo espírito de serviço. Estávamos livres! E, como Jack, pulamos fora para uma realização de uma dúzia de projetos. Parecia que podíamos desfrutar de liberdade ao servirmos. Isto nos levou a dar lugar à expressão de nós mesmos e a alimentar nossos próprios interesses. Porém, que tristeza, descobrimos que estávamos sozinhos; sozinhos nos projetos que nós mesmos iniciamos. Finalmente, como Jack, precisamos voltar para o Seu lado. Convencidos por meio da nossa “curta incursão” na “liberdade” que jamais, por nós mesmos, realizamos nada para Ele. Escolhemos, deliberadamente, sermos guiados pela “corrente invisível” – Seu Espírito dirigindo nosso espírito. Deleitamo-nos em fazer a SUA VONTADE. Controlados por um dono, o Espírito Santo, somos ajudados por um vínculo que penetra no profundo do nosso ser. Assim tornamo-nos sensíveis para tudo o que aquela filiação significa realmente. Significa ser completamente tomado pelo próprio Espírito do Pai. “Pois todos os que são guiados pelo Espírito de Deus são filhos de Deus” (Rom 8.14). Como o Pai deseja emancipar Seus filhos de modo a poderem andar não na letra, mas no Espírito, onde lhes seja possível fruir a gloriosa liberdade dos filhos de Deus. Finalmente, precisamos ter certeza que entendemos a intenção de Deus nesta liberdade. Em todas as línguas existe a palavra liberdade, mas o seu conceito é pouco entendido. A maioria pensa em ser livre de alguma coisa, porém, raramente se pensa em ser livre para alguma coisa. Os homens acham que tem liberdade só porque não tem presa aos pés uma corrente com uma bola de ferro na ponta, e dão pouca importância em entender porque Deus planeja a liberdade”. Só o amor na ordem certa traz liberdade plena e a doação perfeita.

4) Colocando o amor na ordem correta em três níveis de amor (João 21. 15-17) : Nós não vivemos, mas convivemos; até mesmo Deus só ficou sozinho uma única vez quando na Cruz enfrentou o pecado e a morte. Logo DAR e RECEBER é um processo em andamento e de fluxo constante no meio de seres viventes. O problema é quando transformamos aquilo que é só doação em moeda de troca por outra coisa, esquecendo que o amor é o meio onde este fluxo viaja, ora necessitamos receber (um abraço, um beijo, etc.) e ora somos impulsionados a dar (um abraço, um beijo, etc). Jesus ensinou a Pedro a diferenciar os níveis de amor em relação a Deus e buscar o amor mais sublime quando Ihe propõe apascentar as Suas ovelhas. Vejamos então resumidamente os três níveis de amor e o que eles têm diferentes.

4.1) Os três níveis de amor :

PRIMEIRO → **Gratidão** pelo que Deus faz por Nós (Sl 116. 1), por favores recebidos e é louvável mas ainda é egoísta pode-se avançar um pouco mais. Reflete um amor que gira em retorno da admiração pelo poder do objeto amado.

SEGUNDO → **Excelência do Ser amado**, pelo que Deus é na beleza do Seu Ser (sábio, glorioso, imutável, etc.), é a forte admiração pelo que o objeto é, independente do seu poder. Mesmo que materialmente Ele não venha a satisfazer meus desejos imediatos, contudo possui qualidades inerentes que sustentam esta admiração. Porém, existe um amor mais sublime; todos os dois anteriores tem em comum um motivo; porém o...

TERCEIRO→ É o amor sem motivo, sobrenatural, que foge a razão humana, é o amor de João 3.16, não existe benefício e nem admiração em foco (Não é o amor nosso em relação a Deus, mas de Deus em relação a nós. Não existe nada em nós que possa causar admiração em Deus, logo o Seu amor está fora de qualquer categoria anterior por mais nobre que seja), não apresenta motivos para a Sua existência, o filho maduro é saturado deste amor, e é ele que Deus sempre teve intenção de implantar no nosso coração. O DAR absorve o RECEBER, cravando o na CRUZ, não existe amor maior que este, acima da Lei e da Razão, sem motivos, sem Lei, Sem contrato ou trocas, é infinito

5) Mensagem Final : Ficou claro que DAR e RECEBER são duas faces da mesma moeda e que se comunicam através do amor sublime de Deus. Toda a história da salvação só tem sentido quando o DAR e RECEBER se confundem dentro da eternidade divina; onde não sabemos se Ele está em nós ou se nós Nele, se estamos abraçando ou sendo abraçados por Deus em Cristo. Tudo somente vai valer apenas se Cruz estiver dentro do nosso coração.